

«O esplendor do *Jornal Encyclopedico* na imprensa periódica portuguesa entre os séculos XVIII-XIX»

Eurico Gomes Dias¹

Resumo

O *Jornal Encyclopedico* [1779; 1788-1793; 1806], cuja patrona foi a rainha D. Maria I [1734-1816], teve como principal *leitmotiv* as causas da instrução e divulgação das Ciências e Artes. Terá sido a

¹ Bacharel e Licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Línguas e Administração [Santarém]. Pós-graduado em Direito da Comunicação pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Pós-Graduado, Mestre e Doutor em História Medieval e do Renascimento pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde aguarda a defesa da Agregação. Bolseiro de Doutoramento e Pós-Doutoramento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Investigador associado do CEPESE [Centro de Estudos de População, Economia e Sociedade – Universidade do Porto], do Centro de História [Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa], do CIJVS [Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão], do CISDI-IESM [Centro de Investigação de Defesa e Segurança do Instituto de Estudos Superiores Militares], do IEM [Instituto de Estudos Medievais/FCSH-UNL], entre outras organizações científicas. Auditor do Curso de Política Externa Nacional [Instituto Diplomático/Ministério dos Negócios Estrangeiros] e Auditor do Curso de Defesa Nacional [Instituto da Defesa Nacional/Ministério da Defesa]. Pós-Doutoramento em História pela FLUP. Professor Auxiliar no ISCPSI – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna [Lisboa].

primeira das publicações periódicas portuguesas ditas “enciclopedistas”, as quais surgiram por influência da *Encyclopédie* [1751-1772], orientada por Denis Diderot [1713-1784] e Jean le Rond d’Alembert [1717-1783], entre outros. Este periódico começou a publicar-se em Lisboa, sob a direcção de Félix António Castrioto [?-1798] e contou com a chancela do privilégio real. É, fundamentalmente, um marco crucial da imprensa periódica portuguesa na viragem do século XVIII para o século XIX.

Palavras-Chave: *Jornal Encyclopedico*; imprensa periódica portuguesa; Enciclopedismo; Ciência; Iluminismo; História;

Abstract

The *Journal Encyclopedico* [1779; 1788-1793; 1806], whose patron was the queen D. Maria I [1734-1816], had as its main *leitmotif* the education and dissemination of Sciences and Arts causes. Have been the first of the portuguese periodicals said “enciclopedistas”, which appeared under the influence of the *Encyclopédie* [1751-1772], directed by Denis Diderot [1713-1784] and Jean le Rond d’Alembert [1717-1783], among others. This journal began to publish in Lisbon, under the direction of António Félix Castrioto [?-1798] and featured the royal privilege’s seal. It is fundamentally a crucial milestone in the portuguese periodical press at the turn of the eighteenth to the nineteenth century.

Keywords: *Jornal Encyclopedico*; portuguese periodical press; Encyclopaedism; Science; Enlightenment; History;



Alegoria à criação da Academia Real das Ciências de Lisboa, na qual a Luz da Razão conduz D. Maria I, ladeada por D. João Carlos de Bragança [1719-1806], 2.º duque de Lafões.

Gravura de madeira, in *Jornal Encyclopedico*, Officina de António Rodrigues Galhardo, Lisboa, 1779.

*

Anunciando o triunfo da Ciência e das inúmeras inovações técnicas proporcionadas pela corrente das *Luzes*² em Portugal, tão sobejamente manifestas em todos os círculos sociais, científicos e culturais, a proliferação de obras científicas nacionais entre a segunda metade do século XVIII e o primeiro quartel do século XIX foi simplesmente assombrosa.

Neste período predominaram várias categorias de órgãos periódicos entre nós, além da submissa publicação oficial, a célebre *Gazeta de Lisboa*, publicada quase ininterruptamente desde 1715. A maioria dos periódicos portugueses dedicava-se a temáticas de carácter mercantil, de conteúdo científico ou de uso agrícola, assim como às sensibilidades literárias, históricas, recreativas, musicais e de entretenimento, entre outras utilidades. Desponta, então, o *Jornal Encyclopedico*, encontrando-se perfeitamente imbuído do espírito da época, transparecendo fielmente a *anima* dos finais do século XVIII – como o título refere, será um dos mensageiros do Enciclopedismo, embora tivesse uma expressão modesta no meio científico nacional³.

² “ «As Luzes são o homem que sai da menoridade de que ele próprio é responsável», escreveu Kant, em 1784, no texto *Resposta à Pergunta: O Que São as Luzes?* Trata-se de uma referência adequada para a exaltação do exercício autónomo da razão e de uma mentalidade que vai surgindo desde meados do século XVII, desde a crítica à escolástica, desde as polémicas entre Antigos e Modernos.” PEREIRA, José Esteves – «Luzes», in *Dicionário Ilustrado de História de Portugal*, vol. I, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp. 404-406.

³ “O *Jornal Enciclopédico* representa fielmente o espírito científico do movimento iluminista, segundo o qual o progresso e a felicidade só eram possíveis através da ciência, entendendo-se felicidade como fruição de bens materiais e conforto. Este periódico é bem exemplificativo do sentimento de necessidade de ligação entre a prática e a investigação teórica. Desde a aplicação de conhecimentos de zoologia para a fabricação de cola, até ao reconhecimento da importância da história natural, física e química para o desenvolvimento da agricultura e da indústria, o fio condutor é sempre o grande

Logo após a cessação do *Jornal Encyclopedico*, outros periódicos apareceriam com títulos e intenções idênticas até à Revolução Liberal de 1820. Não obstante, embora sem o epíteto de “enciclopédicos”, ou “enciclopedistas”, muitos periódicos tiveram, em boa verdade, a mesma substância, propondo-se vulgarizar conhecimentos científicos, literários, filosóficos e artísticos para um público cada vez mais vasto do que o habitual até então, superando os modelos restritos e elitistas da cultura aristocrática⁴. Entre os estudiosos, é consentâneo que o *Jornal Encyclopedico* tenha iniciado a sua publicação em Julho de 1779, sob a direcção de Félix António Castrioto, dispondo da chancela do *Privilégio Real*. O primeiro número, ou *caderneta*, em formato de «in-oito», foi publicado em nome de uma “sociedade de homens de Letras”. Embrião do próprio *Jornal Encyclopedico*, este número⁵ não chegou a publicar-se novamente, pois foi antecipadamente interrompido.

Em virtude de numerosas dificuldades, o primeiro número do *Jornal Encyclopedico* propriamente dito, só ressurgiria em Junho de 1788, por iniciativa de várias personalidades, continuando a ser editado mensalmente, ou de modo regular, até Maio de 1793. Foi impresso em diferentes *officinas* e teve por colaboradores Manuel Joaquim Henriques de Paiva [1752-1829], Joaquim José da Costa e Sá

objectivo da divulgação dos conhecimentos: a *utilidade* e a *felicidade*.” Cf. *Felicidade, utilidade e instrução. A divulgação científica no Jornal Enciclopédico dedicado à rainha 1779; 1788-1793; 1806*, introdução e coordenação editorial de Fernando Egídio REIS, Porto Editora, Porto, 2005, p. 14.

⁴ PAULO, Zeferino – PAULO, Zeferino – *Periódicos Portugueses de Medicina e Ciências Subsidiárias*, Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 1944, p. 46; LEMOS, Maximiniano – *História da Medicina em Portugal. Doutrinas e Instituições*, vol. II, 2.^a edição, Dom Quixote/Ordem dos Médicos, Lisboa, 1991, pp. 294-295; ARAÚJO, Ana Cristina – *A Cultura das Luzes em Portugal: temas e problemas*, Livros Horizonte, Lisboa, 2003, pp. 78-85.

⁵ *Prospecto d’um jornal enciclopédico*, Regia Officina Typographica, Lisboa, 1778.

[1740-1803] ou o polemista Fr. José Agostinho de Macedo [1761-1831], entre outros. Em 1806, o livreiro António Manuel Policarpo da Silva [1790?-1819?] intentou renovar a edição seriada com o mesmo título, mas o *Jornal Encyclopedico* contaria apenas com um número avulso⁶.



⁶ BALBI, Adrien – «Journaux Politiques et Littéraires», in *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve*, [1.^a edição, 1822], tomo II, IN-CM/FEUC, Lisboa/Coimbra, 2004, p. CLXXVII; SILVA, Inocêncio Francisco da – «Jornal Enciclopédico...», in *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. IV, Imprensa Nacional, Lisboa, 1860, p. 178; PEREIRA, A. X. da Silva – «Jornal Enciclopédico...», in *Diccionario Jornalístico Portuguez*, vol. I, [manuscrito], Lisboa, [s. d.], pp. 110-114v.^o; CUNHA, Alfredo da – «Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa (1641-1821)», separata das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, tomo IV, ACL, Lisboa, 1941, pp. 246-247; MARTINS, Rocha – *Pequena História da Imprensa Portuguesa*, Editorial Inquérito, Lisboa, 1942, p. 32; *Catálogo das Publicações em Série [1641-1833]*, organizado por M.^a Helena Braga da CRUZ e José Alberto Matos da SILVA, Biblioteca Pública Municipal, Porto, 1985, p. 51; ALVES, José Augusto – *A Opinião Pública em Portugal (1780-1820)*, Departamento de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2000, p. 418; NUNES, M.^a de Fátima – *Imprensa Periódica Científica (1772-1852). Leituras de «Sciencia Agrícola» em Portugal*, «Coleção Thesis», Estar Editora, Lisboa, 2001, pp. 56-57.

Este periódico encontra-se dividido por oito secções temáticas: «Filosofia»; «Medicina»; «História Natural»; «Economia Civil e Rústica»; «Literatura»; «Relações Políticas dos diferentes Estados do Mundo»; «Miscelânea»; e a «Notícia das Produções Literárias de todas as Nações». Por conseguinte, o *Jornal Encyclopedico* mobilizaria a atenção do leitor instruído e convidava-o a participar activamente na vida cultural e no [forçoso] desenvolvimento económico do país⁷. Espaço de vanguarda do movimento enciclopedista em Portugal, o *Jornal Encyclopedico* resistiu, com apoios institucionais dúbios, às campanhas movidas por vários detractores.

Apesar do *Jornal Encyclopedico* ser um órgão difusor da cultura enciclopédica, não foi um veículo profícuo para o discurso historiográfico coevo. A historiografia não seria o primeiro móbil na difusão de conhecimentos enciclopédicos, pelo que os temas históricos apenas versaram sobre História Natural. Na melhor das hipóteses, quando os textos científicos assim o impunham, surgiam algumas alocuções dispersas e dedicadas a outros tempos históricos. Sem serem especificamente ligados ao discurso da História de Portugal, o conjunto dos autores que discorreram sobre estas temáticas no *Jornal Encyclopedico* preocuparam-se, basicamente, em fornecer informações genéricas sobre curiosidades históricas de importância científica diminuta. Ainda assim, foram esses breves trechos que, a par de tantos outros escritos, irão possibilitar novas dissertações sobre a História em obras científicas avulsas ou noutros

⁷ REIS, Fernando Egídio – «Comunicando as Ciências ao Público. As ciências nos periódicos portugueses de finais do séc. XVIII e princípios do séc. XIX», in *Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO*, organização de António FIDALGO e Paulo SERRA, vol. III, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2005, pp. 305-310.

periódicos que, daí em diante, transportaram em si o gosto pela escrita da História e do papel fundamental da Historiografia.

À semelhança com o que acontecia em outros periódicos coetâneos, os autores do *Jornal Encyclopedico* possuíam o hábito, ainda perfeitamente actual, de redigir uma determinada notícia ou artigo baseando-se numa argumentação histórica. Esta premissa manifesta-se frequentemente ao longo de todo o historial da imprensa periódica portuguesa, a não ser quando determinada exposição se cingisse, *per si*, a uma determinada memória histórica.

O primeiro artigo onde surgiram apontamentos históricos reporta-se a um registo científico sobre a varíola, aqui conhecida na designação popular de «bexigas»⁸. Esta doença febril infecto-contagiosa assumiu, por vezes, uma manifestação epidémica na História e era, à época da redacção deste artigo no *Jornal Encyclopedico*, altamente temida. Não obstante, é do maior interesse rever a propagação da varíola na Europa e Ásia medieval:

“No tempo de *Mahomet* principiaram as bexigas a devastar a Arabia; e *Omar* 3.^o cakis⁹ depois de *Mohomet* no anno 636 sendo

⁸ Focando não só o período medieval, mas todo o período até aos finais do século XX, vejam-se alguns artigos históricos dedicados à profusão e erradicação da varíola: DARMON, Pierre – «A cruzada antivariólica», in *As Doenças têm História*, apresentação de Jacques LE GOFF, 2.^a edição revista, Terramar, Lisboa, 1997, pp. 305-321; FARRELL, Jeanette – «Varíola», in *A Assustadora História das Pestes e Epidemias*, Prestígio Editorial, Rio de Janeiro, 2003, pp. 29-64.

⁹ Depois da morte do Profeta Maomé em 632, em Medina, Abu Bakr foi escolhido por aclamação como primeiro califa, sendo os falsos profetas derrotados e as tribos rebeldes derrotadas. Entre os anos 634 e 644, o califa Omar, o primeiro a usar o título de *emir al-mu'minîn* (ou «Príncipe dos Fiéis»), transforma o Estado nacional árabe num império teocrático internacional e estabelece uma administração militar eficiente e coesa. Cf. DUCCELLIER, Alain; KAPLAN, Michel; e MARTIN, Bernadette – «Principio da hegemonia árabe no

Rei de Lusitania *Sisenando*¹⁰, levou com suas victorias o contagio bexigozo á Siria, Palestina, Persia, e Egypto, que despois se estendeo pelas costas da Asia. Do Egipto passou ás partes maritimas de Africa, e no principio do 8.º Seculo ja Cecilia, e todo o Mediterraneo sentia os effeitos da nova epidemia, que brevemente se communicou á Hespanha. Até agora não tem apparecido sobre a terra huma enfermidade tão violenta, tão duravel, e tão universal. A epidemia, que no anno de 1493 se vio a primeira vez em Italia no exercito de Carlos 8.º Rei de França¹¹, a que nós chamamos *Gallico*, ultimamente perdeu a grande vehemencia da sua malignidade ao passo, que se espalhou pelo Mundo todo. Hum homem a quem nós hoje capitulamos por demaziadamente atacado do effeito gallico¹², passaria no seculo 15.º por muito feliz: mas a força venenosa das bexigas sim está diffundida por todos os homens; porém os effeitos do anno de 1779 são em tudo semelhantes aos de 636¹³.”

Embora não exista nenhum artigo especificamente dedicado à problematização historiográfica no *Jornal Encyclopedico*, sendo que

¹⁰ Cf. FARIA, Manuel Severim de – «Sissenando», in *Notícias de Portugal...*, introdução, actualização e notas de Francisco A. Lourenço VAZ, Edições Colibri/Escola Secundária Manuel Severim de Faria, Lisboa/Évora, 2003, Discurso Quarto, § 12, p. 146; «As províncias atlânticas e a monarquia cristã do século VII (601-680)», in *Nova História de Portugal. Portugal das invasões germânicas à “Reconquista”*, coordenação de A. H. de Oliveira MARQUES, direcção de Joel SERRÃO e A. H. de Oliveira MARQUES, vol. II, Editorial Presença, Lisboa, 1993, pp. 75-77.

¹¹ A epidemia ter-se-á manifestado nos exércitos franceses estacionados em Itália, aquando das operações da conquista do reino de Nápoles, após 1495. Cf. MOURRE, Michel – «Carlos VIII», in *Dicionário de História Universal*, vol. I, Edições ASA, Porto, 1991, pp. 204-205; «As Guerras de Itália», in *História Universal. As novas formas de guerra nos séculos XIV e XV. O nascimento do mundo moderno*, vol. VII, Planeta DeAgostini, [s. l.], 2005, cap. VI, pp. 283-294.

¹² Intencionalmente ou não, o ilustre e anónimo autor deste artigo terá confundido os sintomas do que era entendido por «bexigas» com o «gallico» ou «efeito gallico» – cujo significado etimológico do termo é francês ou gaulês –, conotado com uma doença epidémica tão conhecida da civilização humana: a sífilis. Cft. «Gálico», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XII, Editorial Enciclopédia/Página Editora, Lisboa, 1998, p. 77; «Gálico», in *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, vol. IX, Temas & Debates, Lisboa, 2005, p. 4077.

¹³ «Carta sobre a inoculação das Bexigas», in *Jornal Encyclopedico*, Fevereiro 1789, pp. 151-152.

este periódico era dedicado às temáticas científicas, numerosos artigos científicos focam, ainda que sucintamente, o *topos* da «História». Quando determinado erudito colaborador visitava um determinado local, esforçava-se por registar o seu passado histórico ou tudo o que entendesse ser proveitoso para a compreensão desse simpósio. A pretexto de uma “viagem mineralógico-botânica”, refira-se a descrição histórica da Vila de Avô¹⁴, quase desconhecida da maioria dos leitores deste periódico, apesar da sua vizinhança com Coimbra:

“A Antiga Villa de Avó que o Senhor Rei D. Affonço Henrique deu foral, doando-a á Senhora D. Urraca, e pelos tempos ao diante concedida a mercê de Alcaide mór aos Bispos de Coimbra, he situada ao nascente em hum profundo valle com mais de cem fogos, retalhada por dous rios, e atalhada com duas pontes, que fazem o sitio delizioso. [...] No meio da villa está construido hum antiquissimo Castello sobre rocha viva, que entra pela serra do Assor: sua fórma, os fragmentos, as medalhas Romanas alli achadas, demostram sua antiguidade, e que fora construido como creio contra os Arabes, e mais povos barbaros que invadiram seus terrenos. Fica fora a Igreja Matriz com a invocação da Senhora da Assumpção, mandada fazer segundo he tradição pelo Senhor Rei D. Affonso Henriques [...] Estão com tudo na villa, e fóra varias Ermidas com muitas invocações de S. Antonio, S. Miguel; S. Quiteria, S. Pedro, Senhora do Mosteiro, que dizem fôra Mosteiro dos Religiosos da Ordem de S. Bento no tempo dos Godos¹⁵.”

O conteúdo do *Jornal Encyclopedico* é constituído por assuntos aleatórios, pelo que procuraremos perspectivar o maior número de informações históricas possíveis. O *lúdico* e o *inverosímil* mesclam-se aqui, pois foram ferramentas preciosas no exercício

¹⁴ Cf. «Avó», in *Portugal Antigo e Moderno...*, por Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho LEAL, vol. I, Livraria Editora de Mattos Moreira, Lisboa, 1873, pp. 284-285; CAMPOS, Vasco de & MATHIAS, Mário – *Avô: nobre vila beiroa de Portugal e um pouco da sua história*, [s. n.], Arganil, 1989.

¹⁵ «Continuação da viagem mineralogico botanica, &c. de Coimbra a Coja...», in *Jornal Encyclopedico*, Outubro 1789, pp. 3-4.

historiográfico, ainda sejam considerados instrumentos literários e, por afinidade, também metafóricos. Consequentemente, permitiram quebrar a monotonia e a morosidade típicas dos relatos científicos, como sucedeu na descrição da vida e façanhas de al-Mutasim¹⁶, o 8.º califa abássida [c. 794-842], um dos grandes expoentes dessa dinastia islâmica:

“Motassem terceiro filho do Calife Haroun reinou depois da morte de Almamom seu irmão; sendo pelas suas grandes qualidades amado, e respeitado de todos os seus vassallos, durará sempre a sua memoria entre os Orientaes. Verdade he que não foi tão sabio como seu antecessor, mas foi igualmente celebre pela sua humanidade, e benefiencia. Teve este Principe por appellido o Oitanario, por se encontrar com estranha singularidade, o numero oito em todas as circunstancias da sua vida.

Nasceo no oitavo mez do anno; foi o oitavo da sua familia; o oitavo Calife Abbassida; sobio ao trono no anno da Egira 218; commandou os seus exercitos em pessoa oito vezes, e oito vezes alcançou a victoria; reinou oito annos, oito mezes, e oito dias; morreo de idade de oitenta annos; teve oito filhos, e oito filhas; deixou oito centos escravos; e no seu thesouro oito milhões em ouro, e oitenta em prata¹⁷”.

Nas páginas do *Jornal Encyclopedico* também se podem encontrar alguns trechos anedóticos sobre os mais diferentes assuntos. Por exemplo, chegou a registar-se um interesse público pelas anedotas aqui publicadas, as quais versavam sobre os ‘ditos e feitos’ de Frederico II da Prússia [1712-1786], célebre pelo seu despotismo militar e rigidez moral extrema. De seguida, recordamos uma anedota sobre dois vultos literários da Idade Média e do Renascimento – Dante Alighieri [1265-1321] e Ludovico Ariosto [1474-1533]:

¹⁶ O califa al-Mutasim ficou conhecido na História por empregar efectivos turcos nas fileiras das suas hostes, facto que despoletaria o domínio turco otomano sobre o mundo árabe. LEWIS, Bernard – *Os Árabes na História*, 2.ª edição, Editorial Estampa, Lisboa, 1994, pp. 165-166.

¹⁷ «Do numero oito na vida do Calife *Motassem*», in *Jornal Encyclopedico*, Novembro 1789, pp. 151-152.

“Hum Gentil-homem Napolitano sustentou com brio quatro desafios, por teimar com pertinacia que *Dante* era excessivamente melhor que *Ariosto*. Estando este Entusiasta para morrer, e accusando-se destes combates particulares, exclamou = e com tudo na minha vida nunca li nem a hum nem a outro¹⁸”.

Um dos grandes objectivos do *Jornal Encyclopedico* foi noticiar as produções literárias mais recentes, assim como denunciar abertamente a restrição das publicações e a censura vigente em vários países europeus, tendo em conta a posição algo equívoca em que este periódico se colocou perante os aparelhos censuratórios nacionais. Forçando o debate polémico da profusão de novos ideais, nomeadamente os autores excluídos pela Igreja, os autores deste periódico apresentaram pequenos textos onde se esclareciam alguns acontecimentos livrescos onde as novas formas de pensamento foram condenadas por Roma.

Neste sentido, o *Jornal Encyclopedico* noticiou o intercâmbio das ideias de Aristóteles pelos circuitos árabes e a sua adopção na esfera universitária parisiense do século XII. Embora certos autores e obras heresiarcas procurassem fundamentar-se nos ensinamentos nas teorias aristotélicas, relembramos estes combates eclesiásticos ao longo de toda a Idade Média:

“Os Arabes Mahometanos, que se estabeleceram não só n’Africa, e na Espanha, mas inda sobre as costas de Languedoc, Italia, Sicilia &c. levaram consigo os livros d’Aristoteles, e os comentarios de Avicena, e Averroes. Estavam já os livros deste Filosofo em França, e antes do seculo duodecimo ensinava-se a sua filosofia na Universidade de Paris, como se collige das amargosas queixas que fazia S. Bernardo, prevendo as funestas consequencias de huma tal innovação¹⁹. Não duraram muito os tristes effeitos dos

¹⁸ *Idem, ibidem*.

¹⁹ “As traduções árabes de Platão, Aristóteles e outros filósofos do mundo antigo eram então traduzidas para latim e, pela primeira vez, postas à disposição da população do Norte da Europa. Os tradutores verteram também trabalhos mais recentes dos muçulmanos, incluindo a obra de Averróis e as

monstruosos erros de *Amauri*²⁰, e *David de Dinant*²¹ seu discípulo, que foram condenados por hum Consílio de Paris no anno de 1210 com os livros d'Aristoteles, que causaram todos estes estragos. Proibiram com effeito os Summos Pontifices por vezes partes destes livros, e logo que o pediram as circunstancias, a outra parte; e não obstante trovejar sobre elles os ameaços da cabeça da Igreja, continuou sempre o Filosofo a ser allegado como grande autoridade inda mesmo pelos Escritores Theologicos²².”

A última notícia exposta no *Jornal Encyclopedico* com apontamentos sobre a Idade Média reporta-se às descobertas arqueológicas efectuadas por Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio [1741-1812?/1814?], colaborador deste periódico, no mosteiro de Castro de Avelãs, perto de Bragança. Neste artigo, observa-se um elevado sentido crítico na análise deste património arquitectónico²³ e do mosteiro de São Salvador, ponto nevrálgico do desenvolvimento económico, cultural, artístico e social da região. Ponto de paragem obrigatória para os peregrinos que se dirigiam para Santiago de Compostela, a sua fundação permanece obscura e o ano de 667 trata-se de uma data hipotética. Apenas resta a cabeceira da Igreja, construída na primeira metade do século XIII, um dos poucos vestígios que teimam em resistir à negligência e ao desvanecimento das intempéries:

descobertas de cientistas e médicos árabes.” Veja-se ARMSTRONG, Karen – *Uma História de Deus*, tradução de M.^a Eduarda CORREIA, Temas & Debates, Lisboa, 1998, p. 235.

²⁰ Refere-se a Amalric de Bême [ou Amauri de Bena, Chartres], teólogo francês que ensinou na Universidade de Paris e cujos ensinamentos e seus seguidores foram considerados heréticos – denominados de Amaurianos –, pelo IV Concílio

²¹ TURNER, William – «David of Dinant», in *The Catholic Encyclopedia*, vol. IV, Nova Iorque, 1912.

²² «Produções Literarias de todas as Nações», in *Jornal Encyclopedico*, Fevereiro 1790, pp. 232-233.

²³ RODRIGUES, Jorge – «A Architectura Românica», in *História da Arte Portuguesa*, vol. I, Círculo de Leitores, Lisboa, 1995, p. 212.

“Diz-se, que fora este Mosteiro fundado por S. Frutuoso²⁴, no anno de 667; porém o Autor da Historia Ecclesiastica de Braga, part. I., cap. 90, duvida que este Santo fosse o seu fundador²⁵. Era de Monges Benedictinos. El-Rei D. Affonso Henriques²⁶ lhe fez varias doações: pertenciam ao dito Mosteiro coutos, e terras, de que eram senhores, em que entrava Bragança, que depois permutaram com El-Rei D. Sancho I.

He este Mosteiro famoso, pela hospedagem, que nelle fez D. Alam á filha de El-Rei de Armenia, que hia em romaria a Sant-Iago; a qual raptou, e della procedem Illustres familias deste Reino, Livro velho das linhagens, nas provas da Historia Genealog. da Cas. R. tomo I. pag. 201²⁷.

Castro de Avelans fica ao poente de Bragança, em meia legua de distancia, situado em hum valle amenissimo, na margem do Rio Fervença, que vai depois banhar os muros d'aquella Cidade. Ninguem ignora a extincção deste Mosteiro por El-Rei D. João III., e que com as pinguißimas rendas se dotou por aquelle Monarca sábio a Sé de Miranda, fundada no anno de 1545²⁸. [...]

As ruinas, que hoje se observam, são paredes, portas, e algumas janellas de parte do Mosteiro, em que estavam as officinas, que servem de caza da Residencia Parochial: por quanto se erigio Parochia com o titulo de Reitoria, cujo Padroado ficou ao Cabbido de Miranda, ao qual se applicaram as rendas. Existe a torre de

²⁴ Cf. VALÉRIO, São – *Vida de S. Frutuoso, arcebispo de Braga*, tradução latina por José CARDOSO e prefácio de Ambrósio de PINA, Livraria Cruz, Braga, 1978; AZEVEDO, António de – *O Mausoléu de S. Frutuoso de Braga*, [s. n.], Guimarães, 1964; SANTOS, Domingos Gomes dos – «Problemas e hipóteses na vida de S. Frutuoso», separata de *Bracara Augusta*, vol XXII, fascs. 51-54 (63-66), [s. n.], Braga, 1968.

²⁵ ARGOTE, D. Jerónimo Contador de – *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga Primaz das Hespanhas...*, vol. I, Officina de Joseph Antonio da Sylva, Lisboa Occidental, 1732.

²⁶ ARGOTE, D. Jerónimo Contador de – *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga Primaz das Hespanhas...*, vol. I, Officina de Joseph Antonio da Sylva, Lisboa Occidental, 1732.

²⁷ SOUSA, D. António Caetano de – *Provas da História Genealogica da Casa Real Portuguesa*, tomo I, Officina Silviana da Academia Real, Lisboa Occidental, 1739.

²⁸ ARGOTE, D. Jerónimo Contador de – *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga Primaz das Hespanhas...*, vol. I, Officina de Joseph Antonio da Sylva, Lisboa Occidental, 1732.

elevada architectura, e a Capella mór, com huma Capella colateral, que serve de Sacristia. [...]

Acha-se na parede do corpo da Igreja hum tumulo de pedra, que necessariamente foi para alli trasladado da antiga Igreja. [...] Consta-nos, que este tumulo he do Conde Arias Annes, e a ser de 1300, pelo que assevera o Medico Antonio Pires da Silva (que era natural de Bragança) na obra intitulada, *Chronografia Medicinal das caldas de Alafões*²⁹. O Autor da *Benedictina Lusitana*, tratando do Mosteiro de Castro de Avelans, chama ao dito Conde: o Conde de Ariaes: e ao sitio do Mosteiro vulgarmente chamam tambem *Arariaes*³⁰. Mas isto certamente he corrupção do nome Arias Annes; e no Autor da *Benedictina Lusitana*, he falta de instrução, que lhe motivou este erro, assim como o de datar o Diploma da troca de Bragança pelo couto, que se deo ao Mosteiro por aquella Cidade, 4 *Nonas Maias* 1225; tempo, em que reinava El-Rei D. Sancho II; sendo que a troca foi feita com El-Rei D. Sancho I, o povoador desta Cidade, e no que lhe deu o foral. [...]

Ao lado da Epistola do Altar mór vi hum Mormore de quatro palmos de altura, e dois e meio de largura em quadro; no alto huma abertura, ou buraco de meio palmo de comprimento, e quatro dedos de largura; e á roda deste buraco huma rasgadura, que mostra, que era para allo se encaixar outra peça dá tudo isto indicios de que aquelle Marmore era huma ara; [...] A inscrição he Romana; mas a que proposito foi traduzida para a Igreja do Mosteiro, e alli conservada? Aonde achada, e em que tempo para elle trazida? Augmenta a duvida, não ser esta a unica pedra com inscrição quasi semelhante; pois na parede de huma caza particular do dito lugar de Castro de Avelans, se acha outra pedra [...].

Devemos discorrer, que sendo aquelle Monumento Romano; isto he latino, foi feito por póvos da dominação Romana; ou fossem de Municipio, ou Colonia, que fundando-se o Mosteiro de Castro de Avelans no anno de 667, tempo em que aquelles territorios erão occupados pelos Godos; seria n'aquelle sitio achado o mesmo Monumento, e conservado pelos Monges como huma antiguidade,

²⁹ SILVA, António Pires da – *Chronographia medicinal das Caldas de Alafoens...*, Officina de Miguel Deslandes, Lisboa.

³⁰ ARGOTE, D. Jerónimo Contador de – *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga Primaz das Hespanhas...*, vol. I, Officina de Joseph Antonio da Sylva, Lisboa Occidental, 1732.

e para maior recato, posto na Igreja, como vemos praticado em Braga, e outras partes deste Reino³¹.”

Após as iniciativas do *Jornal Encyclopedico*, todos os periódicos posteriores tentaram difundir as novas ideias sociais e científicas politicamente progressivas, baseando o motor do progresso humano no Homem, na sua capacidade de conhecer e de racionalizar, bem como do domínio da Natureza sob a inspiração do ideário iluminista. Na sua maioria, eram valores inconciliáveis com a organização social e os regimes políticos vigorantes, sendo a sua difusão na Europa e em Portugal, sem esquecer o protagonismo das novas academias, um processo irreversível. Atendendo aos ditames de uma censura rígida no *Ancien Régime*, e não sendo possível um debate político público, os jornais enciclopédicos, embora muito timidamente, apresentavam posicionamentos políticos reformadores³².

Acrescentamos que o exercício do anonimato foi prática corrente no *Jornal Encyclopedico*. Pertencendo a uma ‘nova geração’ modelada pelo Enciclopedismo, este periódico distanciou-se deste

³¹ SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de – «Memoria sobre as ruínas do Mosteiro de Castro de Avelans...», in *Jornal Encyclopedico*, Maio 1790, pp. 191-201. Veja-se sobre este assunto: DIAS, Eurico Gomes – *Memórias de Litteratura Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa [1792-1814]: ciências de incidência histórica e construção historiográfica*, a editar brevemente pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

³² “De facto, em Portugal, quem sabia idiomas podia adquirir, por exemplo, o *Mercure* francês, a *London Gazette*, a *London Chronicle* ou o *Courier* londrino e quem dominava tão-só a língua pátria recorria, de preferência, à *Gazeta de Lisboa* e ao *Jornal Enciclopédico*, isto enquanto os mesmos órgãos conseguiram falar dos movimentos revolucionários e assim informar a opinião pública. Dirigido pelo lente de medicina, outrora perseguido pela Inquisição, Henriques de Paiva, o *Jornal Enciclopédico* referiu-se aos filósofos e deu a conhecer aos seus leitores sucessos da revolução francesa e da história americana.” RAMOS, Luís A. de Oliveira – *Sob o signo das «Luzes», «Temas Portugueses»*, IN-CM, Lisboa, 1988, pp. 143-147.

procedimento, identificando os autores dos textos mais assiduamente, possibilitando, deste modo, uma cumplicidade com o público leitor. Com certeza, terá aumentado a apreensão colectiva das *rábulas históricas* aqui apresentadas, especialmente no que concerne à História.

Bibliografia

ALVES, José Augusto – *A Opinião Pública em Portugal (1780-1820)*, Departamento de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2000.

ARAÚJO, Ana Cristina – *A Cultura das Luzes em Portugal: temas e problemas*, Livros Horizonte, Lisboa, 2003.

ARGOTE, D. Jerónimo Contador de – *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga Primaz das Hespanhas dedicadas a El Rey D. João V...*, vol. I, Officina de Joseph Antonio da Sylva, Lisboa Occidental, 1732.

ARMSTRONG, Karen – *Uma História de Deus*, tradução de M.^a Eduarda CORREIA, Temas & Debates, Lisboa, 1998

As Doenças têm História, apresentação de Jacques LE GOFF, 2.^a edição revista, Terramar, Lisboa, 1997.

AZEVEDO, António de – *O Mausoléu de S. Frutuoso de Braga*, [s. n.], Guimarães, 1964.

BALBI, Adrien – *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve*, [1.^a edição, 1822], tomo II, IN-CM/FEUC, Lisboa/Coimbra, 2004.

BRANDÃO, Fr. António – *Monarquia Lusitana*, Parte Terceira, introdução de A. da Silva RÊGO e notas de A. A. Banha de ANDRADE e Eduardo dos SANTOS, IN-CM, Lisboa, 1973 [fac-símile da 1.^a edição da Officina de Pedro Craesbeeck, 1632].

CAMPOS, Vasco de & MATHIAS, Mário – *Avô: nobre vila beiroa de Portugal e um pouco da sua história*, [s. n.], Arganil, 1989.

Catálogo das Publicações em Série [1641-1833], organizado por M.^a Helena Braga da CRUZ e José Alberto Matos da SILVA, Biblioteca Pública Municipal, Porto, 1985.

CUNHA, Alfredo da – «Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa (1641-1821)», separata das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, tomo IV, ACL, Lisboa, 1941.

DIAS, Eurico Gomes – *Memorias de Litteratura Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa [1792-1814]: ciências de incidência histórica e construção historiográfica*, a editar pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, vol. IX, Temas & Debates, Lisboa, 2005.

DUCELLIER, Alain; KAPLAN, Michel; e MARTIN, Bernadette – *A Idade Média no Oriente. Bizâncio e o Islão. Dos Bárbaros aos Otomanos*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1994.

FARIA, Manuel Severim de – «Sissenando», in *Notícias de Portugal...*, introdução, actualização e notas de Francisco A. Lourenço VAZ, Edições Colibri/Escola Secundária Manuel Severim de Faria, Lisboa/Évora, 2003.

FARRELL, Jeanette – «Varíola», in *A Assustadora História das Pestes e Epidemias*, Prestígio Editorial, Rio de Janeiro, 2003.

Felicidade, utilidade e instrução. A divulgação científica no Jornal Encyclopédico dedicado à rainha 1779; 1788-1793; 1806, introdução e coordenação editorial de Fernando Egídio REIS, Porto Editora, Porto, 2005.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XII, Editorial Enciclopédia/Página Editora, Lisboa, 1998.

História da Arte Portuguesa, direcção de Paulo PEREIRA, vol. I, Círculo de Leitores, Lisboa, 1995.

História Universal. As novas formas de guerra nos séculos XIV e XV. O nascimento do mundo moderno, vol. VII, Planeta DeAgostini, [s. l.], 2005.

Jornal Encyclopedico, Officina de António Rodrigues Galhardo, Lisboa, 1779-1806.

LE MOS, Maximiniano – *História da Medicina em Portugal. Doutrinas e Instituições*, vol. II, 2.ª edição, Dom Quixote/Ordem dos Médicos, Lisboa, 1991.

LEWIS, Bernard – *Os Árabes na História*, 2.ª edição, Editorial Estampa, Lisboa, 1994.

MARTINS, Rocha – *Pequena História da Imprensa Portuguesa*, Editorial Inquérito, Lisboa, 1942.

MOURRE, Michel – *Dicionário de História Universal*, vol. I, Edições ASA, Porto, 1991.

Nova História de Portugal. Portugal das invasões germânicas à “Reconquista”, coordenação de A. H. de Oliveira MARQUES, direcção de Joel SERRÃO e A. H. de Oliveira MARQUES, vol. II, Editorial Presença, Lisboa, 1993.

NUNES, M.ª de Fátima – *Imprensa Periódica Científica (1772-1852). Leituras de «Ciência Agrícola» em Portugal*, «Colecção Thesis», Estar Editora, Lisboa, 2001.

Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento – Guia Histórico, direcção de Bernardo Vasconcelos e SOUSA, com autoria de Isabel Castro PINA, M.ª Filomena ANDRADE e M.ª Leonor Silva SANTOS, Livros Horizonte, Lisboa, 2005.

PAULO, Zeferino – PAULO, Zeferino – *Periódicos Portugueses de Medicina e Ciências Subsidiárias*, Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 1944.

PEREIRA, A. X. da Silva – *Diccionario Jornalístico Portuguez*, vol. I, [manuscrito], Lisboa, [s. d.].

PEREIRA, José Esteves – «Luzes», in *Dicionário Ilustrado de História de Portugal*, vol. I, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

Portugal Antigo e Moderno..., por Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho LEAL, vol. I, Livraria Editora de Mattos Moreira, Lisboa, 1873.

Prospecto d’um jornal encyclopédico, Regia Officina Typographica, Lisboa, 1778.

RAMOS, Luís A. de Oliveira – *Sob o signo das «Luzes»*, «Temas Portugueses», IN-CM, Lisboa, 1988.

REIS, Fernando Egídio – «Comunicando as Ciências ao Público. As ciências nos periódicos portugueses de finais do séc. XVIII e princípios do séc. XIX», in *Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO*, organização de António FIDALGO e Paulo SERRA, vol. III, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2005.

SANTOS, Domingos Gomes dos – «Problemas e hipóteses na vida de S. Frutuoso», separata de *Bracara Augusta*, vol XXII, fascs. 51-54 (63-66), [s. n.], Braga, 1968.

SÃO TOMÁS, Fr. Leão de – *Benedictina Lusitana*, edição crítica de José MATTOSO, vol. I, IN-CM, Lisboa, 1974.

SILVA, António Pires da – *Chronographia medicinal das Caldas de Alafoens...*, Officina de Miguel Deslandes, Lisboa.

SILVA, Inocêncio Francisco da – *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. IV, Imprensa Nacional, Lisboa, 1860.

SOUSA, D. António Caetano de – *Provas da História Genealogica da Casa Real Portuguesa*, tomo I, Officina Silviana da Academia Real, Lisboa Occidental, 1739.

The Catholic Encyclopedia, vol. IV, Nova Iorque, 1912.

VALÉRIO, São – *Vida de S. Frutuoso, arcebispo de Braga*, tradução latina por José CARDOSO e prefácio de Ambrósio de PINA, Livraria Cruz, Braga, 1978.

VANEIGEM, Raoul – *As Heresias*, tradução de Júlio HENRIQUES, Antígona, Lisboa, 1995.